



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

ISSN 1645-9369

NIGP

Núcleo de Investigação em
Geografia e Planeamento

GEO-Working Papers

**“Festivais de Música de Verão: artes
performativas, turismo e território”**

João Sarmento

SÉRIE INVESTIGAÇÃO 2007/13

NIGP – Universidade do Minho. Campus de Azurém – 4810 Guimarães

Tel.: 351-253 510 560 — Fax: 351-253 510 569

geowp@geografia.uminho.pt

**“Festivais de Música de Verão: artes
performativas, turismo e território”**

João Sarmento

SÉRIE INVESTIGAÇÃO 2007/13

“Geo-Working papers”

Os **“Geo-Working papers”**, editados pelo Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento, são uma publicação científica periódica esporádica com duas séries: Série Investigação e Série Educação. A primeira Série está vocacionada para publicações científicas dos investigadores do NIGP e dos professores visitantes do Departamento de Geografia da Universidade do Minho. A segunda Série destina-se a publicações com um carácter predominantemente pedagógico, orientadas para o apoio às actividades lectivas do Departamento de Geografia da Universidade do Minho. As opiniões e conceitos emitidos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores. Os **“Geo-Working papers”** têm uma edição limitada em papel, sendo publicados em edição electrónica, de acesso livre, no site do NIGP.

João Sarmento é Professor Auxiliar com nomeação definitiva do Departamento de Geografia da Universidade do Minho e Investigador Principal no Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento. Licenciado em Geografia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1994 e Mestre em Geografia pela National University of Ireland, Cork em 1996, doutorou-se na universidade de Cork em 2001, abordando a temática “*Representation, Imagination and Virtual Space: Geographies of Tourism Landscapes in West Cork and the Azores*” (Prémio Nacional de Geografia Orlando Ribeiro em 2004). Actualmente desenvolve investigação no âmbito da Geografia Cultural, Geografia Póscolonial, Geografia do Turismo e Sociedade de Informação. Tem colaborado regularmente com as Universidades de Cork (Irlanda), Isfahan (Irão), Joensuu (Finlândia), Praga (Rep. Checa), Riga (Letónia) e Timor Leste.

Ficha Técnica

Título: **Geo-Working papers**

Propriedade e Edição: Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento

Editores: João Sarmento e António Vieira

ISSN: 1645-9369

Número de exemplares: 40

Publicação on-line: www.geografia.uminho.pt/wp.htm

Festivais de Música de Verão: artes performativas, turismo e território

João Sarmento¹

Resumo:

Este artigo pretende reflectir sobre as ideias de artes performativas, turismo e desenvolvimento regional e local, no contexto da crescente organização e realização de Festivais de Música de Verão em Portugal, e mais concretamente nos concelhos de Caminha e de Paredes de Coura, no noroeste deste país. Analisa-se a génese e evolução dos Festivais de Música de Verão de Vilar de Mouros e de Paredes de Coura, e apresenta-se uma análise SWOT realizada para os dois festivais, tendo em conta sobretudo o território em que se inserem.

Os resultados sugerem que os festivais, para além de serem momentos artísticos importantes, têm o potencial de se constituírem como estratégias políticas locais de promoção de actividades de lazer, com o objectivo de atrair visitantes e turistas, projectando uma imagem de dinamismo a escalas regionais, nacionais e mesmo internacionais. Aponta-se ainda que sucesso futuro destes eventos, dependerá, em grande medida, do potencial inovador e da criatividade dos seus programas e organizações.

Palavras-chave: Festivais de Música de Verão, Turismo, Artes performativas, Noroeste de Portugal.

Abstract:

This paper propose a debate in turn of the ideas of performative arts, tourism and regional and local development, within the context of the growing organisation of summer music festivals in Portugal, more specifically in the municipalities of Caminha and Paredes de Coura, in the northwest of the country. An analysis of the birth and evolution of the summer music festivals of Vilar de Mouros and Paredes de Coura is conducted, and a SWOT analysis is presented, considering specially the spatial context in which these festivals take place.

The results suggest that that not only festivals are significant artistic moments, but they have the potential to be part of local strategic policies of promotion of leisure activities, aiming at attracting visitors and

¹ Professor Auxiliar com nomeação definitiva do Departamento de Geografia da Universidade do Minho e Investigador Principal no Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento da mesma universidade. Tel. 253 510560 fax. 253 510569 j.sarmiento@geografia.uminho.pt.

tourists, projecting a dynamic image at regional, national and even international scales. It is also indicated that the future success of these events will be dependable, to a large degree, on the innovation and creativity of their programs and organisation.

Keywords: Summer Music Festivals, Tourism, Performative Arts, Northwest Portugal.

1. O Turismo cultural e a promoção do lugar

Não querendo recuar até à ‘era’ do ‘Grand Tour’ (aproximadamente 1660-1820), quando a arte de ver e sobretudo de ouvir dominava as práticas turísticas deste ‘ritual de passagem’ das elites europeias (ver Elsner e Rubies, 1999), nem retroceder até às diversas formas de turismo religioso existente desde a antiguidade (ver Timothy e Olsen, 2006), é consensual argumentar que mesmo há poucas décadas atrás o turismo cultural estava reservado a formas não massificadas de turismo. O divisor comum de vários nichos de mercado relativamente limitados estava relacionado com a posse de um capital cultural específico. Presentemente verificamos que existem diversas formas de massificação no turismo cultural (Rojek e Urry, 1997). As artes plásticas, as artes de palco, a arquitectura, o património urbanístico, a arqueologia, a antropologia, a ciência e a música, entre muitos outros interesses, tornaram-se alvo da atenção de um grande número de pessoas, e fazem parte de uma economia cultural com complexos valores simbólicos (Lash e Urry, 1994; Scott, 1999). À semelhança do que acontece em muitos países desenvolvidos, em Portugal, como refere Abreu (2004), os dados das Estatísticas da Cultura permitem verificar o alargamento das actividades performativas, quer na sua dimensão da produção e oferta, quer na dimensão da participação e procura. Desta forma, tal como se regista um posicionamento da cultura no centro das arenas política, social e económica (Fortuna, 2002), o turismo cultural transformou-se num negócio cada vez mais dinâmico; a “velhos” produtos, como os grandes museus estáticos, acrescenta-se um infundável número de recursos e atracções como festivais ou programas de eventos temáticos, e a renovação de inúmeros museus, com uma atenção especial para a indústria do entretenimento, a cidade da fantasia (Van Aalst e Boogaarts, 2002) e a experiência turística. Neste contexto, a cultura é simultaneamente um recurso, um produto, uma experiência e um resultado (Craik, 1997).

Existem alguns factores cruciais que ajudam a explicar esta transformação, entre as quais se podem destacar a democratização do ensino e alargamento da escolarização que permitem uma formação cultural mais ampla e que proporcionam a existência de públicos escolares como um dos clientes mais importantes dos equipamentos e serviços culturais. Ao mesmo tempo, o aumento exponencial dos diplomados, especialmente nas áreas das ciências sociais e humanas, incluindo artes plásticas, música, museologia, cinema, etc., juntamente com a erosão da cultura proletária, a expansão das novas pequenas burguesias industriais e o acréscimo do rendimento médio e da capacidade de consumo tem criado novos públicos. Factores como o aumento da mobilidade que proporciona o alargamento da base social da condição de turista, o aprofundamento da sociedade de informação com toda a produção e divulgação da criação cultural associada, bem como a mediatização crescente dos produtos e práticas culturais e a esteticização das práticas sociais contemporâneas que estimula a fruição e o consumo cultural, aumentando o valor simbólico dos bens, dos produtos e das práticas culturais, não podem ser desatendidos.

Neste contexto, e sintomático das consequências destas transformações, vale a pena referir o trabalho da companhia profissional de teatro e história ao vivo *Viv' Arte*, com sede em Oliveira do Bairro. Ilustrativa de um forte crescimento que se regista em termos da organização e realização de feiras, festividades, ceias medievais e outras 'festas da história' (mourarias e mercados mouros, acampamentos, torneios e mostras de armas, assaltos a castelos, eventos do século XIX e mesmo XX), quer no Verão (estima-se que cerca de 50 eventos em Portugal por ano), quer no Inverno (Castelos de S. Jorge, Santa Maria da Feira e no Convento de Alpendorada, por exemplo), esta Associação Cultural emprega cerca de 200 funcionários². Estes eventos ou espectáculos culturais, incluem diversos rituais, como por exemplo 'o flagelo da peste', 'torneios medievais a cavalo', o 'julgamento de heréticos e outras malfeitorias', 'torneios apeados e escaramuças', etc. (exemplo baseado na IV Feira Medieval de Belver, concelho de Gavião de 17 a 19 de Junho de 2005). A cultura como experiência e o espectáculo como chave do sucesso da atracção de visitantes comandam o crescendo de eventos que polvilham o país de norte a sul.

Se é certo que tradicionalmente a promoção do lugar (das regiões, das cidades e das vilas) na Europa ocidental tem sido maioritariamente um

² A Companhia teve origem no Grupo de Teatro da Escola Secundária de Oliveira do Bairro, fundado em 1988. Em 1993 formalizou-se juridicamente como Laboratório de Expressão Dramática de Oliveira do Bairro e é, desde 2000, uma Associação Cultural sem fins lucrativos com estatuto de Pessoa Colectiva de Utilidade Pública.

aspecto de política pública ou semi-pública, com atenção particular dada aos benefícios sociais gerados por estas práticas (herança ainda do planeamento territorial da segunda metade do século XX), nas últimas décadas a promoção do lugar tem sido fortemente influenciada pelos princípios do mercado. Isto significa que os lugares têm que competir uns com os outros tal como qualquer entidade comercial, sendo que o sector público tem que se adaptar a novos contextos de flexibilidade nos quais o território é comercializado como um bem ou serviço. Desta forma generalizam-se os estilos de governação empresarial, a crescente mediatização das práticas governativas e as tentativas, mais ou menos bem sucedidas, de aproveitar os particularismos locais. A competição territorial, acompanhada pela globalização dos mercados da cultura, criou circuitos culturais crescentemente organizados a escalas nacionais e internacionais, e implicou uma ‘dilatação’ na geografia dos campos culturais.

2. Caminha e Paredes de Coura

Os concelhos de Caminha e Paredes de Coura pertencem à NUT III Minho-Lima e ao distrito de Viana do Castelo. Têm uma área semelhante (136 km² para Caminha e 138,4 km² para Paredes de Coura), são quase fronteiriços³, e praticamente o mesmo número de freguesias (20 em Caminha e 21 em Paredes de Coura). Grosso modo, as maiores diferenças estão no facto de Caminha ser um concelho litoral (neste âmbito o mais a norte em Portugal), fronteiriço (sendo a fronteira desenhada pelo Rio Minho, um dos mais importantes no país e que constitui um importante eixo em torno do qual se desenvolvem inúmeras actividades turísticas), enquanto que Paredes de Coura é um concelho e certa forma “encravado” por concelhos vizinhos, que o afastam do litoral e da fronteira com Espanha. Esta localização de Caminha (juntamente com outros atractivos), resulta numa forte pressão de residências secundárias com tudo o que estas implicam em termos de pressão construtiva, aumento do preço do solo, alteração da paisagem e habitats, etc.

³ As freguesias a oriente do concelho de Caminha (Arga de São João, Arga de Baixo e Arga de Cima) praticamente confrontam as freguesias mais a sudoeste do concelho de Paredes de Coura (Coura e Romarigães). Entre elas situam-se algumas freguesias do concelho de Vila Nova de Cerveira. Curiosamente, neste território confinado encontram-se quatro concelhos, o que poderia ser, caso estivessemos nos Estados Unidos por exemplo, um motivo para promover turisticamente este mesmo território. Exemplos como o ponto onde se encontram quatro Estados nos Estados Unidos (Arizona, Colorado, Novo México e Utah), onde se localiza o ponto mais alto na Route 66 entre Nova Iorque e São Francisco, são só alguns exemplos destas particularidades geográficas (ver Sarmento, 2000). Em Portugal, a título de excepção neste domínio, é possível adquirir um certificado no Cabo da Roca, provando a presença física (como conquista) no ponto mais ocidental do continente europeu!

Em 2001, em termos populacionais, Caminha tinha praticamente o dobro de habitantes dos registados em Paredes de Coura – 17069 habitantes versus 9571 (INE, 2001). Esta diferença produziu-se nas últimas décadas, pois enquanto Caminha tem vindo a ganhar população (15883 em 1981 e 16207 em 1991), Paredes de Coura tem vindo a ‘sofrer’ um decréscimo de habitantes (11311 e 10442 para os mesmos momentos de tempo). Mas ao passo que em Caminha, nos últimos 20 anos, se regista uma litoralização da população, isto é, são as freguesias litorais (todas à excepção de Caminha – Matriz), que registam ganhos de população e as interiores (as três Argas por exemplo) que têm perdas de habitantes, em Paredes de Coura apenas a freguesia sede do concelho e a confinante Resende, registam ganhos.

Um outro dado merece destaque ao compararem-se os dois concelhos: a taxa de analfabetismo. Enquanto que em 2001 em Caminha esta era de 7,1% – inferior aos valores nacional (9%), da região norte (8,3%) e da sub-região Minho-Lima (11,6%) – em Paredes de Coura esta ascendia a 19,8%! Mesmo tendo em conta que estes valores têm registado um decréscimo nos últimos anos (mais de 1/3 da população sabia ler nem escrever em 1981), continuam a retratar situações preocupantes. A grande maior parte dos habitantes de ambos os concelhos tem, como habilitações literárias, apenas o ensino básico. Interligado com este indicador está a situação do envelhecimento da população. Em Paredes de Coura, o grupo etário entre os 0-14 anos tem diminuído marcadamente, o dos 15-24 anos diminuído ligeiramente, enquanto que os dos 25-64 e +64 anos têm aumentado. A situação é semelhante em Caminha. Se associarmos estes dados demográficos a uma economia local frágil resultante de uma débil existência e atractividade regional de empresas, temos um quadro de um mundo rural em transformação, com forte regressão das actividades agrícolas, baixa densidade de emprego e um debilitado e muito desqualificado mercado de emprego.

A acessibilidade aos dois concelhos é também distinta. O recente prolongamento do IC1 até Vila Praia de Âncora, apesar dos impactes ambientais, veio ‘encurtar’ o tempo de viagem entre os centros urbanos do litoral norte e Caminha. Paredes de Coura, continua a ser relativamente marginal à proximidade da A3, no seu nó de Sapardos, no concelho de Vila Nova de Cerveira. Caminha é ainda servida por comboios regionais e inter-regionais, que a ligam a Viana do Castelo em 20 a 30 minutos e ao Porto em cerca de 2 horas. Internamente, ambos os concelhos têm uma deficiente rede de estradas, e um deficiente serviço de transportes públicos.

A oferta de alojamento no concelho de Caminha é significativamente superior à de Paredes de Coura. Em 2004 e em Caminha, a capacidade de alojamento dos estabelecimentos hoteleiros classificados

pela Direcção Geral de Turismo era de 684 lugares (11 estabelecimentos), contra apenas 42 (1 estabelecimento) em Paredes de Coura (INE, 2004), sendo a oferta em Turismo no Espaço Rural mais equilibrada: 6 em Caminha versus 5 em Paredes de Coura registados pela Direcção Geral de Turismo (DGT, 2006), e 9 em cada concelho de acordo com a Região de Turismo do Alto Minho (RTAM, 2006). No contexto dos Festivais de Música aqui em análise, os parques de campismo constituem um importante tipo de alojamento, sendo que Caminha possui 4 (sendo 1 em Vilar de Mouros e construído propositadamente para o festival de 1982), e a Câmara de Paredes de Coura permite o campismo na praia do rio Tabuão durante o festival. Também os estabelecimentos de restauração revelavam a diferença entre os dois concelhos: 82 em Caminha e 7 em Paredes de Coura (RTAM, 2003), denotando ainda uma forte concentração nas freguesias de Caminha e Vila Praia de Âncora (esta última já um pouco periférica em relação à freguesia de Vilar de Mouros).

Num cenário nacional de forte construção de pavilhões multiusos, centros culturais, e diversos outros equipamentos desportivos e culturais, Paredes de Coura possui algumas infraestruturas culturais recentes de relevo, como sejam o Museu Regional e Etnográfico e o Centro Cultural, que alberga dois auditórios de qualidade. Caminha, apesar do seu vasto espólio arquitectónico de grande relevo regional e nacional, encontra-se bastante mal dotado de equipamentos culturais.

3. Os Festivais de Música de Verão

“It’s the largest greenfield music and performing arts festival in the world. It’s like going to another country. It involves travel, and probably a queue to get in. Then you enter a huge tented city, a mini-state under canvas. The Law still applies, but the rules of society are a bit different. Everyone is here to have a wild time in their own way.” (Festival de Glastonbury⁴)

Os Festivais de Música de Verão podem ser definidos como “períodos formais ou programas de actividades fruição, entretenimento, ou eventos que têm um carácter festivo e que celebram publicamente algum conceito, acontecimento ou facto” (Janiskee, 1980, p.97), e que decorrem na época estival. Estes eventos concentram-se num espaço de tempo curto, num espaço geralmente delimitado e têm uma intensa programação musical (Abreu, 2004). O sucesso destes eventos depende mais do entusiasmo das comunidades locais e da capacidade dos organizadores, do que do

⁴ www.glastonburyfestivals.co.uk, acessido em Maio de 2006.

património natural e construído do local (Getz, 1997). No entanto, ao passo que a produção, distribuição e consumo de certo tipo de culturas registadas ou gravadas (o ‘mundo’ da música gravada por exemplo) são tendencialmente desmaterializadas e des-territorializadas, a esfera da cultura performativa, mesmo que organizada em termos nacionais e cada vez mais frequentemente a escalas internacionais, depende largamente de espaços e lugares particulares (Berland, 1992).

Os membros da comunidade local podem entender estes eventos como importantes momentos gerados pela própria comunidade local, constituindo uma reacção à história e cultura locais e fazendo parte da construção da coesão social através do reforço de laços com a comunidade. A celebração social em grupo pode constituir um momento de comemoração da própria comunidade contribuindo para a construção da identidade local (Turner, 1982). Os festivais com base em áreas rurais, podem também ter um papel importante em termos económicos. Constituem momentos em que um vasto número de visitantes consome bens e serviços no local e na região. No entanto, os estudos realizados no âmbito dos impactes dos festivais de Verão nas comunidades locais revelam também alguns aspectos negativos, como sejam o aumento dos preços dos bens e serviços durante os eventos, o congestionamento de trânsito nos locais e o problema de estacionamento (Tosun, 2002). Ao mesmo tempo, não se pode esquecer que o turismo também é uma indústria fortemente poluidora, depredadora do espaço, da cultura autóctone e frequentemente constitui um canal de comunicação com a especulação do solo e da paisagem.

Internacionalmente existem alguns Festivais de Música de Verão que atraem números elevados de visitantes e que constituem referências na génese e desenvolvimento destes eventos. Roskilde, não muito longe da capital Copenhaga, na Dinamarca, é disso bom exemplo. Outros festivais atraem largas dezenas de milhares de visitantes a regiões periféricas, ou pelo menos não centrais, geralmente rurais, e têm um impacte muito significativo no desenvolvimento local. O festival de Glastonbury (*Glastonbury Festival of Contemporary Performing Arts*), no sudoeste de Inglaterra, constitui um exemplo interessante. Reconhecido como o maior festival de música do mundo num espaço aberto, atraiu cerca de 150 mil pessoas em 2005. A organização deste festival contribui com mais de três milhões de libras (cerca de 4,5 milhões de euros) para empresas locais cada ano que o festival se realiza, empregando mais de 1100 pessoas, 25% das quais locais, com pagamentos de salários de cerca de 750 mil euros. Em 2003, o festival doou mais de 1,5 milhões de euros a instituições de caridade e a grupos locais, que serviram para a realização de projectos de

restauro e reconstrução de diversos edifícios com valor patrimonial na região⁵. Em 2006 o festival não se realizou, havendo assim um interregno tal como em 2001. Nesse ano a interrupção deveu-se a questões de segurança, construindo-se uma grande vedação para impedir os visitantes sem bilhetes de entrarem no recinto. Em 2006, segundo o organizador do evento, a paragem é como um ano de pousio nos campos, serve para “as vacas, a quinta, os trabalhadores rurais e os habitantes da aldeia recuperarem.” (BBC, 2006). Malgradamente para a organização e os milhares de participantes, em 2007 o festival foi cancelado sem data prevista para realização, devido ao intempéries de Junho que assolaram o Reino Unido.

3.1 Os Festivais de Música de Vilar de Mouros e de Paredes de Coura

Em Portugal existe um conjunto de festivais de Verão que se tem vindo a consolidar nos últimos anos⁶. Para alguns, é preciso escolher qual o festival a que se vai em determinado ano. O cartaz é obviamente importante; o local também. Para outros, estes festivais proporcionam uma rota, um percurso estival de música. Inserem-se aqui as denominadas tribos modernas com as suas vestes étnicas e anseios inspirados nos movimentos dos anos 60 do século XX.

Desta forma, os Festivais de Música de Verão de Vilar de Mouros e de Paredes de Coura concorrem não só entre si (a sua proximidade geográfica poderá eventualmente levar a que exista uma complementaridade planeada e não uma concorrência), mas também com outros festivais no norte do país como o Ermal (Vieira do Minho, desde 1999) ou Carviçais (em Torre de Moncorvo, desde 1996), festivais com um carácter urbano como o Super Bock Super Rock (o mais urbano de todos, realiza-se no Parque Tejo – limite norte do Parque das Nações, onde o rio Trancão encontra o Tejo - desde 1994)⁷, ou muito perto de áreas urbanas

⁵ O Festival *Rock in Rio*, que começou em 1985 no Rio de Janeiro, adquiriu também uma componente de ajuda social. O *Rock in Rio Lisboa* angariou, em 2004, cerca de 660 mil euros para ajuda a instituições de solidariedade social.

⁶ Não são do âmbito deste artigo todos os festivais de música que não ‘pop e rock’ e que se realizam no verão. Existem no entanto diversos festivais com grande importância no contexto de outros géneros musicais, muitos com uma duração no tempo mais alargada, como os de Sintra (As ‘Primeiras Jornadas Musicais do Município de Sintra’ realizaram-se em 1957, sendo que em 2006, entre 2 de Junho e 23 de Julho se realiza a 41ª edição), ou da Póvoa do Varzim (de 7 a 29 de Julho de 2006 realiza-se a 28ª edição). Outros festivais ainda, realizam-se no verão, mas têm uma estrutura repartida ao longo do ano, como seja o Festival Alta Tensão, que no verão de 2006 decorre na Sertã (24 de Junho), mas que já teve outras edições no mesmo ano noutras locais (Portimão em 17 de Março; Évora em 24 de Março e Estremoz em 25 de Abril).

⁷ Este festival é também popularmente conhecido como festival camaleão, pois a sua estrutura tem-se alterado diversas vezes. Apesar de realizado em Lisboa, expandiu-se a Vigo e Madrid e em 2005 e 2006 esteve em Angola. Em 2006 realizou-se em duas partes: 25-26 de Maio e 7-8 Junho.

como o OptimusHipe@Meco (Praia do Meco, desde 2001), e o Tejo (freguesia da Valada, Azambuja, desde 2000), e mesmo com o do Sudoeste (Zambugeira do Mar, desde 1997), o Algarve Summer festival (desde 2005) e de forma mais esbatida com o Angra Rock (desde 2000). Todos têm em comum o terem começado na segunda metade da década de 90 do século XX, isto é, têm uma experiência acumulada de menos de 10 anos.

3.1.1 Vilar de Mouros

O Festival de Música de Vilar de Mouros constitui não só um marco no desenvolvimento de festivais de música em Portugal, mas faz também parte de uma viragem cultural significativa num país que há data da sua primeira edição (1965) se encontrava ainda sob um regime ditatorial. O festival teve assim um papel importante como suporte de discussão e de contestação do regime, sendo por isso censurado em muitas ocasiões. No entanto, as três primeiras edições do festival tiveram um cariz essencialmente ligado ao folclore e à etnografia. Em 1968, artistas como Zeca Afonso, Carlos Paredes ou Adriano Moreira trouxeram para o palco preocupações sociais e contestações ao regime, sob o olhar atento da PIDE. Após dois anos de interregno, surgiu então em 1971 o que se considera ser o primeiro festival de música moderna em Portugal (curiosamente o Festival de Roskilde, hoje um dos mais importante internacionalmente, teve a sua primeira edição nesse mesmo ano). Sem dúvida que a disseminação da cultura hippie que valorizava ideais de paz, liberdade, amor, a vida em comunidade e o uso de drogas, e o concerto de Woodstock em 1969 com a sua oposição à guerra do Vietname, tiveram uma influência na forma como este festival se desenvolveu. À semelhança de edições anteriores organizadas por António Barge e familiares, o festival teve poucos patrocínios e apoios de entidades oficiais, mas trouxe a uma aldeia rural do noroeste português grupos como Elton John, Manfred Mann, Duo Ouro Negro e artistas como Amália Rodrigues e António Vitorino D'Almeida. O número de visitantes, ainda que não exacto, rondou os 30 mil!

Por dificuldades financeiras a realização do festival só ocorreu de novo em 1982, agora já com a participação da Câmara Municipal de Caminha. Com um orçamento de cerca de 100 mil euros, atraíram-se artistas com grande destaque internacional como os U2, Echo and the Bunnymen ou os Stranglers. Apesar do sucesso do festival em termos de projecção de Vilar de Mouros para os jornais nacionais, segundo notícias de jornal o prejuízo rondou os 50 mil euros (Azevedo, 2005). Ao mesmo tempo, assistiu-se a um choque entre dois mundos distintos. Por um lado, uma comunidade rural bastante fechada em torno de práticas agrícolas, num

concelho periférico do norte de Portugal. Por outro, uma comunidade de jovens envolvidos em práticas de libertação e transgressão, sem grandes limites para os seus comportamentos. As pilhagens a campos agrícolas e hortas e o nudismo no rio Coura criaram um certo mal-estar em Vilar de Mouros, sendo que, como resultado, a população local se distanciou emocionalmente deste tipo de festival. Como consequência, o festival só se voltou a organizar passados três anos. Desta vez, em 1985, foi a população local que participou activamente na sua planificação (Zamith, 2003). O cariz do festival alterou-se radicalmente, voltando a privilegiar a música popular, destacando-se do cartaz do festival os nomes dos Trovante e Emílio Cão.

A música pop e rock regressou somente a Vilar de Mouros passada mais de uma década. Em 1996, o festival, já com o patrocínio da UNICER, e com a organização profissional da empresa de organização de eventos e espectáculos ‘Música no Coração’, trouxe nomes como os Stone Roses, os Young Gods, Madreus e Xutos e Pontapés. No entanto, mostram as críticas, o festival já não tinha o cariz da edição de 1982. Desde 1999 que o evento tem uma periodicidade anual, tendo sido organizado, entre 1999 e 2004, em parceria pelas empresas ‘Música no Coração’ e ‘Portoeventos’. A concessão da atribuição da organização do festival continua a ser da responsabilidade da Junta de freguesia (Azevedo, 2005).

Em 2005, a 14ª edição do festival, a Junta de freguesia de Vilar de Mouros atribuiu a concessão da organização do festival à empresa ‘Portoeventos’, que irá organizar seis edições do festival em parceria com a empresa ‘Tournée’. Numa entrevista ao jornal Correio do Minho, Carlos Alves, o presidente da Junta de Vilar de Mouros, referiu que esta decisão se prendeu com uma visão que vai muito para além do próprio festival. Esta organização contempla a valorização e desenvolvimento da freguesia, e inclui a realização de melhoramentos no recinto do festival e na área envolvente. O investimento de 50 mil euros de 2005, permitiu a construção de sanitários, parques de estacionamento, bem como o início da recuperação das Azenhas existentes no rio Coura. Em 2005, o número de visitantes do festival rondou os 30 mil⁸.

3.1.2. Paredes de Coura

Apesar da primeira edição do festival de Paredes de Coura ter sido em 1993, devido à sua regularidade, já se realizaram 15 edições (14 em

⁸ Dados divulgados nos órgãos de comunicação social mostram que nos últimos anos o número de visitantes tem crescido de 15000 em 1996, 12500 em 1999, 24000 em 2000, 25000 em 2001, 24000 em 2002 e 30000 em 2003 (EIRA, 2005).

Vilar de Mouros). A génese do evento foi relativamente casual e a organização da Associação de Incentivo à Cultura Courense trouxe à praia fluvial de Tabuão grupos não muito conhecidos do panorama musical português, tais como os Ecos da Cave, os Gangrena ou os Purple Lips. O sucesso permitiu a continuidade do festival, que era gratuito e funcionava com o apoio da Associação de Incentivo à Cultura Courense, da Câmara Municipal de Paredes de Coura e de algumas entidades privadas locais. A duração do festival tem variado com tendência para um alargamento de número de dias de festival (de um dia de festival em 1993 e 1994, passou-se para dois dias em 1995, para três entre 1996 e 2001, para cinco em 2002 e 2004 e regressando em 2006 aos 4 dias de 2003 e 2005).

Em 1996, apesar da concorrência do festival de Vilar de Mouros, que festejava os 25 anos da sua célebre edição de 1971, o festival foi um sucesso. Por um lado, o cartaz apresentado incluía um número de grupos bastante conhecidos (Shed Seven, Mão Morta, Primitive Reason, Raincoats e Zen, entre outros), por outro, realizaram-se uma série de melhorias na organização, como sejam a construção de sanitários, balneários e parques de estacionamento, que trouxeram boas condições à área de realização do festival. Nesta edição, e pela primeira vez, foi cobrado um preço de entrada, ainda que reduzido (cerca de 5 euros para 3 dias de concertos), sendo que significativamente, o festival teve o patrocínio da cerveja Imperial.

A dimensão do festival e as necessidades financeiras e contabilísticas levaram a uma profissionalização da organização do mesmo. Alguns membros da Associação de Incentivo à Cultura Courense fundaram a empresa Ritmos, que passou a ser responsável pela organização do festival, que se foi internacionalizando. Apesar do aumento progressivo dos preços dos bilhetes de entrada (entre 25 e 40 euros em 2001, entre 40 e 70 euros em 2006), a praia do Tabuão registou na edição de 2001, de acordo com fontes locais, entre 20 a 25 mil pessoas. Em 2006, e de forma expressiva, o festival denomina-se ‘Festival Heinekan – Paredes de Coura’.

4. Análise SWOT de enquadramento aos festivais

Os Festivais de Música de Verão de Vilar de Mouros e Paredes de Coura enquadram-se em dois concelhos (Caminha e Paredes de Coura, respectivamente), que já foram brevemente caracterizados. De forma a se compreender melhor a posição destes festivais no contexto geográfico em que se inserem, realizou-se uma análise SWOT⁹ que se apresenta de

⁹ Uma análise SWOT (‘Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats’ ou seja Forças, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças) é uma ferramenta utilizada na Gestão e no Planeamento Estratégico, podendo

seguida, baseada na análise de diversos documentos de planeamento, nas estatísticas e inventários oficiais disponíveis, na entrevista a diversos actores chave e num cuidado e pormenorizado trabalho de campo nos dois concelhos.

ser aplicada ao território para verificar e analisar a posição estratégica de determinada região, cidade ou lugar.

Tabela 1. Análise SWOT do concelho de Caminha

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
Riqueza da paisagem cultural.	Elevada concentração da população nas freguesias litorais.	Localização litoral e fronteira.	Difícil situação económica de Portugal.
Valiosíssimo património histórico construído.	Fraca qualidade das vias de comunicação que servem o concelho.	Proximidade de áreas naturais de qualidade como a Serra D' Arga, a Mata da Gelfa e o Pinhal do Camarido, os rios Âncora e Coura e o estuário do rio Minho.	Progressivo envelhecimento da população.
Ligação à Galiza em Ferry-Boat.	Excessiva dependência da época balnear.	Qualidade da orla costeira de Caminha.	Impacte negativo sobre o património natural e cultural resultante do traçado do IC1.
Existência do centro de Interpretação da Serra D' Arga.	Inexistente ou insuficiente sinalização sobre o património.	Existência de um Plano de Ordenamento da Orla Costeira.	Indefinição do serviço prestado pela C.P.
Oferta turística diversificada quer em termos da oferta de alojamentos, como de actividades de lazer.	Falta de qualidade das informações existentes no posto de turismo.	Existência da linha de Caminho de ferro.	Concorrência de destinos turísticos nacionais e internacionais.
Existência do Museu Regional de Arqueologia.		Prolongamento do traçado do IC1 até à localidade de Vila Praia de Âncora.	Concorrência inter-municipal.
		Criação de uma rede de património arqueológico no Norte de Portugal e a na Galiza.	Excessiva carga turística na época balnear.
		Aumento da oferta de voos 'low cost' para o aeroporto do Porto.	Existência de inúmeros incêndios estivais.

Tabela 2. Análise SWOT do concelho de Paredes de Coura

Pontos Fortes	Pontos Fracos	Oportunidades	Ameaças
Riqueza da paisagem cultural.	Êxodo Rural.	Proximidade da Auto-estrada A3.	Difícil situação económica de Portugal.
Vasto património arqueológico.	Más acessibilidades ao concelho.	Criação de uma rede de acessibilidades que torne Paredes de Coura num local menos interiorizado.	Concelho interiorizado.
Existência da Paisagem Protegida do Corno de Bico.	Falta de qualidade da estação de camionagem.	Proximidade das Areas Protegidas do Parque Nacional da Peneda-Gerês e da Paisagem Protegida das Lagoas de Bertandos e S. Pedro de Arcos.	Concorrência de destinos turísticos nacionais e internacionais.
Existência de infraestruturas culturais de qualidade como o Museu Regional e Etnográfico e o Centro Cultural.	Concentração excessiva das infraestruturas na sede do concelho.	Criação de uma rede de património arqueológico no Norte de Portugal e na Galiza.	Envelhecimento progressivo da população.
Aposta da Câmara Municipal no sector cultural.	Inexistência ou insuficiente sinalização sobre o património construído e arqueológico.	Aumento da oferta de voos ‘low cost’ para o aeroporto do Porto.	Concorrência intermunicipal.
	Pequena oferta na área da animação turística e animação nocturna.	Criação da Agência de Desenvolvimento Regional do Alto Minho, S.A.	Inexistência de rede ferroviária.
	Forte limitação dos horários de visita ao património construído.		Existência de inúmeros incêndios estivais.

5. Conclusão

Tal como noutros sectores da vida nacional, há grandes assimetrias no campo da cultura entre as diferentes regiões nacionais, existindo uma forte correlação da localização das actividades culturais com os espaços urbanos, e uma marcada concentração de espectáculos musicais nas duas áreas metropolitanas. Desta forma, ambos os festivais pretendem constituir, para além de momentos artísticos importantes, estratégias políticas locais de promoção de actividades de lazer, com o objectivo de atrair visitantes e turistas, projectando uma imagem de dinamismo a escalas regionais, nacionais e mesmo internacionais. O sucesso futuro destes eventos, atendendo ao cenário concorrencial existente, dependerá, em larga medida, do potencial inovador e da criatividade dos seus programas e organizações. Neste âmbito a formação de um *know how* especializado das empresas implicadas na organização destes eventos será crítica, bem como as boas relações e sinergias institucionais. Igualmente importante será o aproveitamento da especificidade territorial dos contextos geográficos em que os festivais se inserem. Parte do sucesso dos eventos resulta do entorno geográfico em que se realizam: a associação da freguesia de Vilar de Mouros e do concelho de Paredes de Coura a um mundo rural de campos agrícolas de milho e vinhas, casas de granito e localização periférica e sossegada, faz parte do charme e apelo destes festivais.

Ambos os festivais tiveram a sua génese em organizações amadoras, locais, idealistas, que procuravam animar as freguesias e concelhos em que se inseriam, trazendo novas ideias e mesmo contestações para o mundo rural. O actual contexto social, político e económico da realização dos festivais, sobretudo do de Vilar de Mouros, é bastante diferente do que caracterizava o passado. Presentemente os Festivais de Verão em Portugal são sobretudo eventos com um carácter comercial, associados e patrocinados por empresas e marcas de operadores de telecomunicações (TMN e Optimus), cerveja (Super Bock e Imperial), geridos e decididos por empresas de organização de eventos (‘Música no Coração’ e ‘Portoeventos’), se bem que ainda com um ‘pequeno’ controlo local da junta de freguesia de Vilar de Mouros ou da Câmara Municipal de Paredes de Coura.

As empresas de organização de eventos acabam por funcionar como *Gatekeepers* na concepção de Hirsh, visto controlarem quase por completo a selecção dos artistas e dos produtores culturais que elaboram os conteúdos dos festivais. A actual concorrência entre o crescente número de Festivais de Verão existentes e os decorrentes imperativos comerciais, juntamente com as preferências dos públicos que se tentam captar e as

características sócio-demográficas dos habitantes destes territórios, resulta num certo afastamento cultural entre as comunidades locais e os eventos de Vilar de Mouros e de Paredes de Coura. Tal como refere Abreu (2004, p.161), “o conhecimento empírico que temos acerca da esfera do espectáculo musical é actualmente muito limitado”. Desconhecem-se estudos profundos sobre os impactes culturais, sociais, económicos e territoriais que os festivais de Verão em Portugal. A título de exemplo, não existem estudos entre as percepções das comunidades locais de Vilar de Mouros e de Paredes de Coura e dos organizadores dos festivais.

Referências Bibliográfica:

- ABREU, P., (2004); “Músicas em movimento. Dos contextos, tempos e geografias da performance musical em Portugal”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Vol. 70, Dezembro, pp.159-181.
- AZEVEDO, R., M., G., (2005); *Os Festivais de Música de Verão em Portugal como veículos da Cultura e de Desenvolvimento Local. Os casos de Vilar de Mouros e Paredes de Coura*, Seminário de fim de licenciatura em Geografia e Planeamento, Universidade do Minho, Guimarães.
- BBC (2006); “Glastonbury to take break in 2006” in www.newsbbc.co.uk (Site acedido em 17 Maio 2006).
- BERLAND, J., (1992); “Angles Dancing: cultural technologies and the production of space”, in Grossberg, L., Nelson, C., e Treichler, P., A., (eds) *Cultural Studies*, Routledge, Londres.
- CRAIK, J., (1997); “The culture of Tourism”, in Rojek, C., e Urry, J., (eds), *Travelling Cultures*, Routledge, Londres.
- DGT 2006, *Guia Oficial do Turismo no Espaço Rural*, Direcção Geral de Turismo, Lisboa.
- EIRA, D., (2005), *Os Festivais de Verão: Paredes de Coura e Vilar de Mouros*, Seminário de fim de licenciatura em Geografia e Planeamento, Universidade do Minho, Guimarães.
- ELSNER, J. e RUBIES, J-P. (1999) (Eds); *Voyages and Visions: Towards a Cultural History of Travel*; Reaktion Books, Londres.
- FORTUNA, C., (2002); “Culturas urbanas e espaços públicos: sobre cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Vol. 63, pp.123-148.
- GETZ, D., (1997); *Event management and event tourism*, Cognizant Communication, Nova Iorque.

- INE, (2001); *Censos da População*, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.
- INE, (2004); *Estatísticas Gerais*, Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.
- JANISKEE, R., (1980); “South Carolina’s harvest festivals: rural delights for day tripping urbanites”, *Journal of Cultural Geography*, Vol. 1 (Fall/Winter), pp. 96–104.
- LASH, S. e URRY, J., (1994); *Economies of Signs and Space*, Sage, Londres.
- ROJEK, C., e URRY, J., (1997) (eds.); *Travelling Cultures*, Routledge, Londres.
- RTAM (2003), “O Turismo no alto Minho”, *Boletim da Região de Turismo do Alto-Minho*, 7, Janeiro/Março, Viana do Castelo.
- RTAM, (2006) [<http://www.rtam.pt>], (Site acedido em 17 Maio 2006).
- SARMENTO, J., (2000); “Cultural tourism in the international border of River Minho”, *Chimera*, Vol. 15, University College Cork, pp.98-103.
- SCOTT, A., J., (1999); “The cultural economy: geography and the creative field”, *Media, Culture & Society*, Vol. 21, pp.807-817.
- TIMOTHY, D; OLSEN, D (2006); *Tourism, Religion, and Spiritual Journeys*; Routledge; Londres.
- TOSUN, C., (2002); “Host perceptions of impacts: A comparative tourism study”, *Annals of Tourism Research*, Vol. 29(1), 231–245.
- TURNER, V., (1982); “Introduction” in Turner, V., (ed.), *Celebration: Studies in festivity and ritual*, Smithsonian Institution Press; Washington.
- VAN AALST, I., BOOGAARTS, I., (2002); “From Museum to Mass Entertainment. The evolution of the role of museums in cities”, *European Urban and Regional Studies*, Vol. 9(3), pp.195-209.
- ZAMITH, F., (2003); *Vilar De Mouros – 35 anos de festivais*, Edições Afrontamento, Porto.

“GEO-WORKING PAPERS” – NORMAS DE PUBLICAÇÃO

1. Os “GEO-Working papers” encontram-se abertos à colaboração científica no domínio da Geografia e disciplinas afins.
2. Os “GEO-Working papers” são constituídos por duas séries: Série Investigação e Série Educação.
3. Os “GEO-Working papers” publicam artigos em português, francês, inglês e espanhol.
4. As opiniões e conceitos emitidos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.
5. Os originais submetidos serão apreciados pela comissão editorial, que pode recorrer a especialistas das áreas científicas a que os textos se referem, reservando o direito de aceitação dos mesmos.
6. É aos autores que cabe obter autorização para reproduzir material sujeito a direitos de autor.
7. Os “GEO-Working papers” são publicados em papel, estando, simultaneamente, disponíveis on-line.
8. Os artigos devem apresentar uma dimensão entre 10 e 20 páginas A4, incluindo a bibliografia e as figuras e quadros.
9. Normas para a apresentação de originais:
 - 9.1. Dos originais submetidos a apreciação, deverão ser enviadas 1 cópia em papel, a 1,5 espaços, corpo 12 e com margens de 2,5 centímetros e uma cópia em formato digital. Deverá constar juntamente um resumo que contenha o essencial do artigo (cerca de 700 caracteres para o resumo na língua do artigo e 2000 caracteres para o resumo noutra língua - português, inglês ou francês), além de palavras-chave nas duas línguas.
 - 9.2. Os originais devem conter, em nota de rodapé na 1ª página, o endereço profissional do(s) autor(es), o cargo e instituição a que pertence(m), número de telefone, fax e e-mail.

10. Normas para a bibliografia:

10.1. Na bibliografia devem estar presentes todas as referências citadas no texto e somente estas. As referências bibliográficas deverão ser elaboradas em função dos modelos seguintes:

BURROUGS, B. (1999) – Development and urban growth, *in* D. Peters (ed.), *Unequal partners*, AAST Press, London.

ROGERS, A.; TAYLOR, N.; GOLDSMITH, G. (1998) – *The politics of rural environments*, Hutchinson, London.

SARAIVA, A.; PIRES, J.; MOREIRA, V. (2002) – Recomendações para a proteção e estabilização dos cursos de água, *Revista da Faculdade de Ciências*, 21(2), Lisboa: 187-222.

10.2. O apelido dos autores citados no texto deverá ser escrito em maiúsculas, sem sublinhado, seguido do ano de publicação. Quando forem citados em bibliografia dois ou mais autores com o mesmo apelido, dever-se-ão incluir as iniciais do primeiro nome. Se existirem mais de dois autores, citar-se-á só o primeiro seguido de *et al.*

11. Os autores dos artigos receberão 5 cópias do “GEO-Working papers”.

Envio de correspondência para:

GEO-Working papers

Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento

Instituto de Ciências Sociais

Universidade do Minho

Campus de Azurém

4800-058 Guimarães

tel. 351-253-510560

fax 351-253-510569

e-mail: j.sarmento@geografia.uminho.pt
vieira@geografia.uminho.pt